

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA-AÇÃO NO ENSINO REMOTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MUSEU VIRTUAL DE CEILÂNDIA-DF**

Vinícius José Duarte de Oliveira  
Professor da Sec. de Estado e Educação do Governo do Distrito Federal  
[viniciusjoli@msn.com](mailto:viniciusjoli@msn.com)

### **Resumo**

Este trabalho é um desdobramento da dissertação de mestrado, em desenvolvimento, intitulada de “O processo de elaboração do Museu Virtual de Ceilândia-DF como possibilidade para o ensino de História”. Essa pesquisa-ação foi desenvolvida com os alunos dos 1<sup>os</sup> anos do Ensino Médio no Centro Educacional 06 de Ceilândia-DF e teve como objetivo levar os alunos a refletirem sobre a construção do conhecimento histórico, os princípios da metodologia histórica e as disputas e tensões que envolvem essa construção a partir da experiência prática de confeccionarem um museu virtual sobre a história da cidade de Ceilândia, Distrito Federal. Essa pesquisa-ação precisou ser adaptada integralmente para o modelo de ensino remoto e o objetivo principal desse trabalho é descrever como se deu essa adaptação, os limites e as possibilidades da pesquisa-ação no ensino remoto a partir do processo de construção do Museu Virtual de Ceilândia-DF pelos alunos. Conclui-se que a pesquisa-ação é viável no ensino remoto desde que se considere as particularidades da comunidade escolar que se deseja desenvolvê-la.

**Palavras-chave:** ensino de História, ensino remoto, Museu Virtual de Ceilândia.

## **REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA-AÇÃO NO ENSINO REMOTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MUSEU VIRTUAL DE CEILÂNDIA-DF**

Vinícius José Duarte de Oliveira  
Professor da Sec. de Estado e Educação do Governo do Distrito Federal  
[viniciusjoli@msn.com](mailto:viniciusjoli@msn.com)

### **Introdução**

No contexto de pandemia global, professores e pesquisadores tiveram que adaptar as suas atividades, adequando-as de acordo com as medidas de segurança que visam combater a Covid-19, dentre as medidas adotadas estão o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais em vários estabelecimentos de ensino. Porém, como adaptar uma pesquisa-ação na área de Ensino de História para um ambiente virtual? Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo professor-pesquisador que propõe desenvolver

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

estudos nos quais a interação com outros indivíduos e instituições é essencial? Como utilizar ferramentas digitais como o *Google Forms*, programas de digitalização de imagens e de edição de vídeos para atenuarem os obstáculos impostos pelo ensino remoto? Em suma, quais as possibilidades e os limites do ensino remoto para a pesquisa-ação no Ensino de História?

Entende-se por pesquisa-ação a pesquisa baseada na intervenção prática e planejada do pesquisador dentro de uma problemática social. Essa intervenção tem o intuito de mobilizar outros participantes que, além de serem objetos de estudo, também atuam de forma ativa na pesquisa, influenciando os procedimentos e os resultados dela. Esses procedimentos e resultados são analisados de forma crítica e reflexiva pelo pesquisador (TRIPP, 2005).

O presente trabalho visará refletir sobre os questionamentos levantados anteriormente a partir de uma situação concreta, pois ele é um desdobramento da minha dissertação de mestrado intitulada de “O processo de elaboração do Museu Virtual de Ceilândia-DF como possibilidade para o ensino de História”. Essa dissertação está em desenvolvimento e integra o Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), núcleo Universidade Federal de Goiás (UFG). A princípio essa pesquisa-ação foi pensada para um contexto de normalidade escolar, pois havia a expectativa de que a pandemia fosse passageira, à medida que ficou evidente que ela não seria e o retorno das aulas presenciais nas escolas públicas parecia distante, vi a necessidade de adaptar o meu projeto para que ele se enquadrasse num modelo remoto de ensino. Eu deixo claro que não se trata aqui de propor a substituição do ensino presencial pelo remoto, creio que ficou evidente os limites dessa modalidade, mas alguns aspectos do ensino remoto podem ser aproveitados mesmo com o retorno das aulas presenciais.

O foco deste trabalho é um elemento mais específico dessa dissertação: descreverei como foi a adaptação dessa pesquisa-ação para o ensino remoto. Para isso, optei por dividir esse texto em duas principais partes. Na primeira parte, apresento brevemente a minha pesquisa situando-a conceitualmente e espacialmente, exponho as principais justificativas para a sua realização e os principais objetivos almejados. Na segunda parte, descrevo como essa pesquisa se decorreu no ensino remoto e quais as

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

principais considerações observadas em cada etapa da pesquisa-ação nesse processo de adaptação.

## **Apresentando a pesquisa-ação**

Há um certo consenso entre os historiadores que a história é uma construção que envolve aspectos metodológicos, como a análise das fontes e aspectos ideológicos e políticos em torno do que deve ser lembrado ou esquecido. Esse processo envolve tensões, intenções e disputas em torno da memória social e a sua manifestação nos patrimônios e nas narrativas históricas. Contudo, os fundamentos teóricos e metodológicos em torno da construção da história possuem pouco espaço na Educação Básica, geralmente são tratadas apenas superficialmente no início do 6º ano do Ensino Fundamental e no início do 1º ano do Ensino Médio (SILVA, 2003, p. 31). A História chega aos alunos como um produto pronto, acabado e estático, um bom professor seria aquele que transmitisse esse conteúdo da forma mais cativante, compreensível e interessante possível. Todo o processo da pesquisa, da elaboração daquela informação, juntamente com as relações de poder e disputas em torno de qual história deve-se ensinar, não possuem a visibilidade merecida na Educação Básica. Segundo Alberti (2015, p.9), “Cabe a nós, professores, fazer com que nossos alunos e alunas aprendam que o conhecimento sobre o passado, ao contrário do que sugerem muitos livros didáticos, não existe sem pesquisa”. Ensinar História também é ensinar o seu método e a pesquisa em sala de aula é essencial para isso.

Considerando essa premissa, propus aos alunos dos 1ºs anos A, B, C, D e F do Centro Educacional 06 de Ceilândia-DF a criação de um museu virtual que abordasse a história local da cidade de Ceilândia. O objetivo principal dessa pesquisa era analisar o processo de elaboração desse museu pelos alunos como possibilidade para um ensino de História que promovesse uma percepção crítica, analítica e reflexiva em torno das construções das narrativas históricas, seus métodos de pesquisa e principalmente as tensões e disputas em torno da memória social ligada à construção de Brasília e principalmente à fundação de Ceilândia. Todo esse processo se daria a partir da própria experiência prática dos alunos de coletarem documentos históricos e depoimentos orais de seus familiares para constituírem o acervo desse espaço.

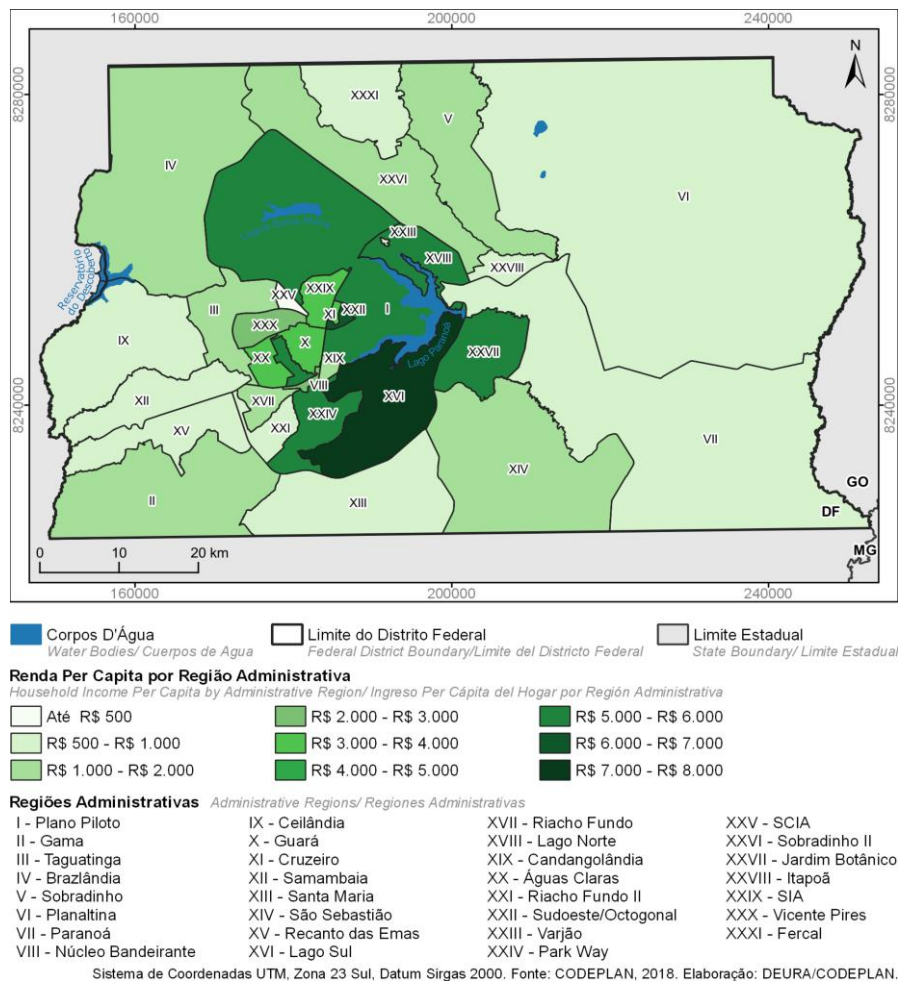
# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

O Distrito Federal possui uma organização administrativa específica. Essa unidade federativa não é dividida em municípios e sim em Regiões Administrativas, conhecidas também como cidades satélites, termo que vem caindo em desuso por representar uma hierarquia entre a Região Administrativa do Plano Piloto e as demais regiões. Atualmente, Ceilândia é a Região Administrativa mais populosa do Distrito Federal contando com mais de 400 mil habitantes (IBGE, 2018). As desigualdades regionais se manifestam de diversas formas no Distrito Federal, desde a qualidade da infraestrutura de suas cidades, como asfalto e saneamento básico, até os espaços oficiais de história e memória, como museus e centros culturais.

A referida pesquisa estima que a partir do maior envolvimento e conhecimento da sua localidade, os discentes desenvolvam um senso de identidade e pertencimento à cidade de Ceilândia com intuito de criarem respostas que visem o combate aos preconceitos, às injustiças que acometem a região e à grande desigualdade social e espacial que assolam o Distrito Federal. Apesar do Distrito Federal ser a Unidade Federativa com o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, ele se manifesta de forma desigual entre as suas regiões administrativas. Enquanto Ceilândia tem um IDH de 0,784, o Plano Piloto e adjacências passam de 0,9, chegando a 0,955 no Lago Norte (REDE SOCIAL BRASILEIRA POR CIDADES JUSTAS, 2016). Desnaturalizar as narrativas que excluem ou negligenciam os sujeitos históricos que estão fora das esferas do poder político e econômico do Distrito Federal é um passo importante para desnaturalizar as próprias desigualdades espaciais. Os alunos precisam se perguntar os motivos para algumas regiões administrativas terem uma melhor infraestrutura, melhores serviços e mais segurança do que outras.

Renda Per Capita do Distrito Federal por Região Administrativa em 2018

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Atlas do Distrito Federal, Caderno 05, 2020.

É sabido que desde a sua construção, Brasília atraiu migrantes de todo o Brasil e muitos desses trabalhadores optaram por continuarem a morar no Distrito Federal, construindo as suas moradias próximas aos principais canteiros de obras. Porém, parte dessas moradias foram destruídas e esses trabalhadores foram deslocados para regiões periféricas do Distrito Federal. Muitas cidades surgiram nesse processo, inclusive Ceilândia que deriva da sigla C.E.I. que significa Campanha de Erradicação de Invasões. Essa Campanha consistia na remoção de famílias oriundas das vilas IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários), Esperança, Tenório, Bernardo Sayão, além dos morros do Urubu e do Querosene. Em 1971, Ceilândia é inaugurada integrando a Região Administrativa de Taguatinga até 1989, quando se torna a 9ª Região Administrativa do Distrito Federal (GOUVÊA, 1995).

As narrativas históricas presentes na maioria dos museus do Distrito Federal privilegiam uma única figura, o ex-presidente Juscelino Kubistchek, todos os outros

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sujeitos são meros apêndices dessa personalidade, são meros satélites de JK. A própria ausência de espaços, como os museus, em outras regiões administrativas do Distrito Federal, fora do Plano Piloto, favorece essa percepção única e excludente da história de Brasília. Segundo Pacheco:

Outro ponto importante é que essas cidades-satélites, em geral, não têm espaços culturais que possam ser suporte para a narrativa das suas próprias histórias e especificidades, que são muitas no espaço territorial que recebeu um dos maiores movimentos migratórios e que pretendeu ser a síntese do Brasil (2020, p. 55).

Segundo o “Guia de Museus Brasileiros” do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o Distrito Federal possui 61 museus ao todo, apesar de Ceilândia ser a cidade mais populosa desta Unidade Federativa conta com apenas dois museus (IBRAM, 2011, p. 509). Portanto, a criação de espaços como o pretendido Museu Virtual de Ceilândia, com o intuito de pluralizar, democratizar e combater as narrativas históricas excludentes e preconceituosas se torna ainda mais necessário.

## **O desenvolvimento da pesquisa-ação no ensino remoto**

### *1ª Etapa: março de 2021*

A primeira etapa da pesquisa-ação consistiu na aplicação de um questionário via *Google* Formulários para os alunos dos 1<sup>os</sup> anos durante o mês de março de 2021. Esse questionário tinha 11 perguntas que possuíam duas pretensões: avaliar o grau de conhecimento dos alunos sobre a cidade de Ceilândia com perguntas simples e objetivas sobre essa cidade; a outra pretensão visava avaliar a percepção que os próprios alunos possuem da cidade, se ela seria negativa ou positiva e se possuíam um senso de identidade e pertencimento à Ceilândia. Em geral, os alunos demonstraram conhecer um pouco sobre a cidade, possuem um senso de pertencimento a ela e uma percepção positiva de Ceilândia.

O *Google* Formulários se mostrou uma ferramenta eficiente nessa etapa, pois facilitou o armazenamento dessas informações em meio digital, sendo desnecessário a impressão de dezenas de cópia desse formulário de quatro páginas e posteriormente o seu armazenamento num espaço físico. Mas certamente a maior colaboração dessa ferramenta se deu na análise dos dados, gerando gráficos automaticamente, facilitando bastante a análise dos resultados.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre os limites do ensino remoto o primeiro aspecto a ser considerado é a possibilidade e a qualidade do acesso dos estudantes brasileiros à internet. O Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), cruzando dados coletados em 2018, chegou à conclusão de que aproximadamente seis milhões de estudantes do ensino regular não possuem acesso à internet em banda larga ou 3G/4G em seus domicílios. Do total de seis milhões, 5,8 milhões são estudantes de instituições públicas (IPEA, 2020). Portanto logo na primeira etapa da pesquisa ficou evidente o aspecto mais importante para se desenvolver uma pesquisa-ação no ensino remoto que é conhecer a comunidade escolar que pretende desenvolvê-la.

A pesquisa-ação está sendo realizada no Centro Educacional 06 de Ceilândia (CED 06). A escola é destinada ao Ensino Médio contendo 1137 alunos no Ensino Regular e 418 alunos na Educação de Jovens e Adultos (INEP, 2019). O CED 06 é uma escola que eu já tinha atuado de 2018 a 2020, portanto conhecia razoavelmente a realidade escolar dessa comunidade e sabia que boa parte de seus alunos teriam acesso à internet. Portanto, de um total de 250 alunos, 157 responderam esse primeiro formulário, correspondendo a 62,8 %, porcentagem que considero alta para o contexto remoto que essa atividade foi realizada.

Atualmente, eu estou afastado para estudo, portanto eu não tenho lotação em nenhuma escola, conseqüentemente eu não sou professor titular de nenhuma turma. Logo, todo o desenvolvimento da pesquisa só foi possível porque o Professor Valter Silva permitiu que eu realizasse a pesquisa com as suas turmas, utilizando o seu espaço e as suas aulas que ocorriam as terças e quintas via *Google Meet*. As semelhanças nas perspectivas que temos sobre o ensino de História facilitou essa parceria, o Professor Valter me auxiliou em vários momentos dessa pesquisa.

Quando se reflete sobre a comunidade escolar, um elemento importante, mas que frequentemente é negligenciado é o próprio professor-pesquisador. É essencial também que ele tenha uma certa familiaridade com determinadas tecnologias. Essa familiaridade não é necessariamente o domínio dessas tecnologias, mas é essencial conhecer os meios viáveis para aprender a usar essas ferramentas, basicamente aprender a aprender. Com frequência, precisei recorrer a tutorias disponíveis no *youtube* para saber manusear determinados programas e ferramentas tecnológicas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## *2ª Etapa: abril e maio de 2021*

A segunda etapa consistiu na visita remota ao Memorial JK que foi realizada entre os dias 22 e 29 de abril. Os alunos visitaram o site do Memorial através do link [www.memorialjk.com.br](http://www.memorialjk.com.br). Esse site contém informações sobre esse espaço, o seu acervo e a sua organização. A escolha do Memorial JK se deve ao fato dele possuir uma perspectiva biográfica e heróica em torno da construção de Brasília, privilegiando o ex-presidente Juscelino Kubitschek e a sua “imensa coragem e ousadia em construir uma cidade no meio do nada”. Obviamente que essa narrativa é exagerada e fantasiosa, pois existiam várias cidades próximas à Brasília e várias comunidades rurais. Todos os outros sujeitos históricos representados nesse museu são tratados como meros apêndices de JK. “Nas fotografias ou nos pôsteres os trabalhadores aparecem nas cenas como coadjuvantes, mesmo porque é preciso registrar a presença deles para reafirmar a eloquência da obra” (CARDOSO, 2006, p.188).

O segundo museu visitado, também remotamente, foi a Casa da Memória Viva de Ceilândia entre os dias 29 de abril e 06 de maio. Essas visitas se deram a partir de reportagens de jornais e da visita à página do Museu no *Facebook* através do link: [www.facebook.com/media/set/?vanity=museucasadamemoriaviva&set=a.1509022825823530](https://www.facebook.com/media/set/?vanity=museucasadamemoriaviva&set=a.1509022825823530). A Casa da Memória Viva de Ceilândia surgiu em 1993 por iniciativa do Professor Manuel Jevan que fez da sua própria casa um museu. Esse espaço se localiza no P-Sul, área da cidade de Ceilândia. O acervo é constituído de notícias de jornais, fotografias, livros, cartazes de eventos realizados pelo espaço, entre outros. Todavia, a diferença que mais nos interessa aqui é a perspectiva em torno da fundação de Brasília, já que a Casa da Memória Viva de Ceilândia centra na figura do candango<sup>1</sup> na construção de Brasília e no processo de remoção desses trabalhadores para áreas distantes do Plano Piloto, processo no qual deu origem à cidade de Ceilândia (PEREIRA, 2013).

Após essa visita os alunos responderam um questionário com nove perguntas através do *Google* Formulários. Um ponto observado merece ser destacado, a crença na

---

<sup>1</sup> Termo comumente usado para designar os trabalhadores braçais que participaram da construção de Brasília. A partir de 1986, por meio de decreto oficial, passou a ser considerado também o gentílico de Brasília juntamente com o termo brasiliense.



## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

neutralidade positivista está superada na academia, porém muito presente entre os alunos. Muitos deles afirmaram que os dirigentes desses espaços não interferiam nas histórias apresentadas nesses museus, pois essas histórias já tinham ocorrido, cabendo aos seus diretores apenas contá-las, mesmo que a diretora do Memorial JK, Anna Christina Kubitschek seja neta do ex-presidente JK.

Com essas visitas, a realização dos questionários e a devolutiva dessa atividade, eu estimo que os alunos tenham percebido as diferenças entre as duas narrativas em torno do mesmo processo histórico e principalmente as diferentes intenções presentes nessas narrativas a partir dos acervos expostos, exemplificando como se dá as disputas pela memória social em relação a construção da Capital. Essas questões foram discutidas por mim em sala de aula no dia 27 de maio de 2021.

Duas dificuldades foram evidenciadas nesse momento. A primeira é que os espaços virtuais não contemplam elementos essenciais dos espaços físicos, principalmente quando esses espaços surgem fisicamente e posteriormente migram para o virtual, como no caso dos dois espaços citados. No Memorial JK há uma quebra sensorial que alimenta o clima de devoção presente no espaço. No primeiro pavimento localiza a biblioteca, lanchonete e parte do acervo, espaços de convívio bem iluminados e agitados. Quando se sobe para o segundo pavimento que é onde fica a sepultura do JK, depara-se com um grande silêncio e uma iluminação bem fraca. Já na Casa da Memória Viva de Ceilândia o museu se mistura com o próprio Professor Jevan, esse acervo se organiza de forma que só é compreensível com o intermédio do próprio professor a partir de suas explicações.

A outra dificuldade seria adaptar uma pesquisa num contexto que nem tudo foi adaptado. No caso do Memorial JK, a visita remota se mostrou mais viável, pois o Memorial já possuía um *site* que para objetivo da pesquisa era satisfatório. No caso da Casa da Memória Viva de Ceilândia, a página dela no *Facebook* se mistura com a própria página pessoal do Professor Jevan. Portanto, precisei acrescentar nessa visita *links* de matérias de jornais sobre esse espaço para que os alunos pudessem compreender qual perspectiva histórica era privilegiada nesse espaço.

Saliento ainda outra dificuldade que eu tive. Os termos de assentimentos e consentimentos livre e esclarecido exigidos pelo Comitê de Ética da UFG foram pensados

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

para uma realidade sem isolamento social, num contexto que se encontram pessoalmente os envolvidos na pesquisa e a coleta das assinaturas exigidas é um processo simples. Mas sem encontrar com os alunos solicitei que os discentes imprimissem, assinassem e posteriormente digitalizassem os termos. Muitos alunos tiveram dificuldade nesse processo e toda uma aula foi utilizada apenas para explicar novamente como deveria ser esse procedimento, sendo necessário adaptar o meu projeto, pois passei a contar com uma aula a menos para desenvolvê-lo.

### *3ª Etapa: junho e julho de 2021*

Os alunos entrevistaram os seus familiares e pessoas próximas ao longo do mês de junho. Foram entrevistas temáticas e semi-abertas sobre como a história de vida dos entrevistados se relacionava com a história de Ceilândia. Considerando as medidas de segurança para a contenção do coronavírus, os alunos foram orientados a entrevistarem remotamente as pessoas fora do seu convívio diário, utilizando as ferramentas que preferissem. Os alunos também averiguaram quais objetos os entrevistados tinham relacionados à história de Ceilândia, como fotografias, ferramentas de trabalho, utensílios domésticos e documentos pessoais.

A escolha da história oral como principal metodologia para a constituição do acervo do Museu Virtual de Ceilândia-DF se deve ao fato dela está ligada à tentativa de democratizar a história, valorizando os sujeitos até então marginalizados desse processo (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2015, p. 25). Provavelmente, os alunos não encontrariam muitas informações de como a história de vida de seus familiares se relacionam com a história da cidade em fontes de outra natureza.

As entrevistas realizadas pelos alunos ficaram curtas, tendo em média seis minutos, creio que o nervosismo e a timidez causados pela falta de prática fizeram com que os alunos apressassem esse procedimento a fim de acabarem logo. Já os entrevistados, a maioria composta pelos seus familiares, demonstraram interesse em colaborar e aparentavam estar mais confortáveis do que os próprios entrevistadores. Em geral, os entrevistados relataram vários avanços e melhorias na cidade, porém quase todos se limitaram aos aspectos relacionados à infraestrutura da cidade, como o asfalto, o saneamento básico e a oferta de serviços como escolas e supermercados. Apenas duas

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

entrevistas foram realizadas remotamente, uma através do *Google Meet* e outra por uma chamada de voz do *WhatsApp*. A duração e a qualidade das entrevistas remotas, comparadas com as presenciais, não foram prejudicadas, mostrando-se uma alternativa viável.

No dia 08 de julho, discuti com os alunos a organização do Museu. Restando apenas esse dia, foquei somente em alguns aspectos, como o nome do Museu, como ele seria organizado e qual seria a imagem da página inicial. O intuito dessa discussão era que os alunos entendessem que os museus não são construções imparciais despreziosas, da mesma forma que eles tinham intenções nas suas escolhas outros museus também teriam. Nesse caso, as intenções do Museu Virtual de Ceilândia-DF será representar uma história mais dinâmica e atraente que não valorizasse as grandes personalidades políticas que pouco teriam em comum com as suas histórias. Os alunos também rejeitaram representarem o ceilandense como moribundos excluídos. Buscando representar a pluralidade das narrativas históricas, os alunos optaram que a imagem principal da página inicial seria um mosaico composto pelas fontes coletadas por eles.

O maior obstáculo nessa etapa foi motivar os alunos a prosseguirem com o projeto, se a primeira atividade teve a participação de 157 alunos, nessa etapa final apenas 33 alunos participaram, ou seja 13,2 %. Creio que em decorrência da condição remota do ensino, sem o contato pessoal que tenho nas salas de aula e sem os espaços de interação espontânea, como os corredores da escola, foi mais difícil incentivar os alunos a prosseguirem com as entrevistas e com a organização do Museu. Porém, a baixa adesão dos alunos já era esperada. A princípio, quando a pesquisa foi pensada em um contexto de normalidade escolar, ela seria desenvolvida apenas em uma turma, ou seja, destinada a 40 alunos aproximadamente. Quando adaptei a pesquisa para o ensino remoto, trabalhei com cinco turmas ao invés de uma, já esperando que muitos não participariam.

A interdisciplinaridade também foi prejudicada pela ausência desses espaços e momentos espontâneos com outros professores, sem os intervalos das aulas, sem os eventuais almoços nos dias de coordenação pedagógica ficou mais difícil a comunicação com os meus colegas que poderiam se interessar pelo meu projeto e fazer parte dele. Essa pesquisa-ação por abordar, em segundo plano, as desigualdades sociais e regionais do Distrito Federal poderia ser desenvolvida conjuntamente com os professores de Geografia

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

e Sociologia e por valorizar a oralidade poderia ser articulada com os professores de Língua Portuguesa, porém essas articulações não ocorreram.

Contudo essa pesquisa no ensino remoto facilitou a construção do museu no modelo virtual, aumentando as possibilidades desse espaço e a diversidade do seu acervo. Quando esse projeto foi pensado para um contexto de normalidade escolar, o Museu seria físico, se localizaria no próprio CED 06 e seria inaugurado durante o Projeto Odisseia<sup>2</sup>, caso não fosse possível reservar um espaço específico para o Museu, ele teria que ser desfeito após esse projeto. Mesmo que o Museu se tornasse permanente, a sua localização dentro da escola o tornaria pouco acessível para as pessoas que não fosse membros dessa comunidade escolar.

A condição remota das aulas não era imprescindível para que o museu fosse virtual, mas todos os procedimentos de sua construção ter sido feito digitalmente facilitou isso. Além do material recolhido pelos alunos, esse museu contará com um acervo diversificado sobre a cidade de Ceilândia. Até o momento ele já conta com: 15 produções acadêmicas, entre artigos, dissertações e trabalhos de conclusão de curso; quatro videodocumentários; quatro decretos oficiais do Governo do Distrito Federal; e 131 arquivos digitalizados por mim da já referida Casa da Memória Viva de Ceilândia.

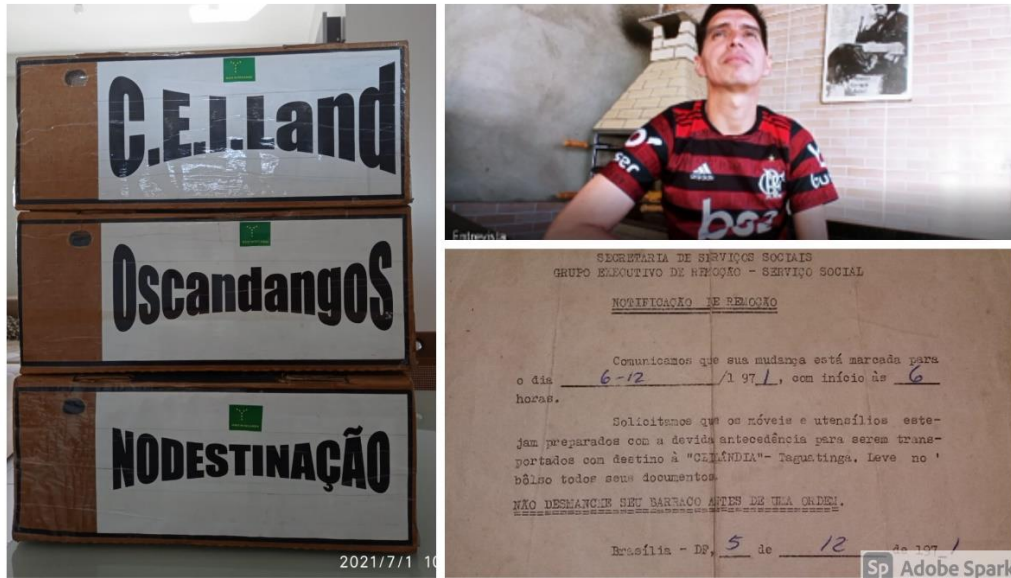
Exemplos do acervo do Museu Virtual de Ceilândia-DF

Arquivos da Casa da Memória Viva de Ceilândia (2021) Entrevista de Amilton de Souza (2021)

---

<sup>2</sup> Projeto anual no qual cada turma, orientada por um professor, realiza uma apresentação de cunho artístico, científico ou cultural ao longo de uma semana predeterminada no calendário escolar.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Solicitação da CEI para remoção de moradia (1971)

Fonte: arquivo pessoal

## Considerações finais

A partir da experiência prática citada no tópico anterior, considero que a pesquisa-ação seja viável no ensino remoto em um contexto de exceção como o atual. É essencial também que o professor-pesquisador considere as suas particularidades e as particularidades da comunidade escolar na qual pretende-se desenvolver a pesquisa. O principal aspecto a ser considerado é se os alunos teriam acesso à internet e como seria esse acesso, se ele seria constante, esporádico, com uma conexão estável ou não. Outro ponto importante é se o próprio professor-pesquisador teria familiaridade com certas ferramentas tecnológicas, se saberia manusear determinados programas e se necessário, seria viável aprender a utilizar tais ferramentas. Por último, ter paciência e aceitar as limitações do ensino remoto, o grau de envolvimento e interesse dos alunos será menor nessa modalidade.

Em uma pesquisa-ação, o pesquisador não possui um grande controle sobre a sua própria pesquisa, quando se pretende levar esse modelo de pesquisa para o ensino remoto, o controle é ainda menor, pois toda a aproximação e interação necessárias para uma pesquisa-ação são comprometidos pela ausência de contatos pessoais. Portanto, o professor-pesquisador precisa estar ciente que muitos elementos da pesquisa estão fora do seu controle e qualquer pesquisa realizada num contexto tão adverso exigirá muito

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mais dele, porém é louvável qualquer esforço de se tentar realizar algo no meio de uma pandemia global que só no Brasil já matou mais de meio milhão de pessoas.

## Referências

ALBERTI, Verena. **Ensino de história e fontes históricas**. Palestra apresentada no VII Encontro Nacional de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, 26 a 28 de novembro de 2015

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Memórias e imagens: (Re)pensando os significados do Memorial JK. MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 177-193.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 7.456, de 1º de abril de 1986. **Cria órgãos na estrutura básica de administração do Distrito Federal, e dá outras providências.**

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. **Brasília: a capital da segregação e do controle social** - uma avaliação da ação governamental na área da habitação. São Paulo: Annablume, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTICAS. **Censo Demográfico, 2010 e Codeplan: Projeções Populacionais para as Regiões Administrativas do Distrito Federal 2010-2020**, 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Nota Técnica: acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia**. N.88, ago. 2020.

Disponível em:

[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200902\\_nt\\_disoc\\_n\\_88.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200902_nt_disoc_n_88.pdf) Acesso: 20 abr. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2018. Brasília: MEC, 2019.

PACHECO, K. Superando a história única: a educação patrimonial como instrumento de democratização cultural no Distrito Federal. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 60, n. 16, 31 ago. 2020.

PEREIRA Vinicius, Carvalho. **A Casa da Memória Viva da Ceilândia: 1997-2010: uma análise á luz da Nova Museologia**. 2013. 151 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Ciências da Informação, Universidade de Brasília, 2013.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REDE SOCIAL BRASILEIRA POR CIDADES JUSTAS. Índice de Desenvolvimento Humano, 2016. Disponível em:

[https://www.redesocialdecidades.org.br/br/DF/brasil/brasil/regiao/fercal/idh-indice-de-desenvolvimento-humano](https://www.redesocialdecidades.org.br/br/DF/brasil/brasil/brasil/regiao/fercal/idh-indice-de-desenvolvimento-humano) . Acesso em: 21 abr. 2021.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Marcos A. da. **História: o prazer em ensinar**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set/dez. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 02 ago. 2021.